



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Moreira, Maria da Conceição Milheiro

**Estudo da adaptabilidade de quatro cultivares de
craveiro (cv. Índios, Manon, Charlotte e Murcia)
na região de Castelo Branco**

<https://minerva.ipcb.pt/handle/123456789/1417>

Metadados

Data de Publicação	1992
Resumo	Tomás Ribeiro cantou, no Século passado, “Este Jardim da Europa à Beira Mar Plantado”. As imaginações ainda se deslumbram com a poesia, mas no domínio concreto dos factos todos reconhecem que são os holandeses que sabem cultivar e comercializar as flores. A Espanha parece apostada em contrariar esse domínio. De nós quase se poderá dizer que estamos resignados à condição de subcontratantes embora continuemos a cantar potencialidades de solo e clima (Bettencourt, 1991). A floricultura portuguesa ...
Tipo	report
Revisão de Pares	Não
Coleções	ESACB - Produção Agrícola

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-02T23:29:33Z com
informação proveniente do Repositório



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**ESTUDO DA ADAPTABILIDADE DE
QUATRO CULTIVARES DE CRAVEIRO
(CV. INDIOS, MANON, CHARLOTTE E MURCIA)
NA REGIÃO DE CASTELO BRANCO**

PRODUÇÃO AGRÍCOLA
Relatório do Trabalho de Fim de Curso

Maria da Conceição Milheiro Moreira



CASTELO BRANCO

1992

INDICE

INTRODUÇÃO.....	06
1 -A FLORICULTURA EM PORTUGAL.....	07
2 - A CULTURA DO CRAVEIRO A NIVEL MUNDIAL.....	13
3 - A CULTURA DO CRAVEIRO EM PORTUGAL.....	25
I - O CRAVEIRO.....	28
1.1 - ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	28
1.2 - DESCRIÇÃO DA PLANTA.....	29
1.2.1 - Características Botânicas.....	29
1.2.2 - Características Morfológicas.....	30
1.3 - CLASSIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTIVARES.....	32
1.4 - PROPAGAÇÃO.....	34
1.5 - EXIGÊNCIAS EDAFO-CLIMATICAS.....	39
1.5.1 - Solo.....	39
1.5.2 - Clima.....	40

II - TÉCNICAS CULTURAIS.....	42
2.1 - ÉPOCA DE PLANTAÇÃO.....	42
2.2. - PREPARAÇÃO DO TERRENO.....	44
2.2.1 - Mobilização do Terreno.....	44
2.2.2 - Fertilização e Correções.....	45
2.2.3 - Desinfecção do Terreno.....	48
2.2.4 - Armação dos Canteiros.....	53
2.3 - PLANTAÇÃO.....	55
2.3.1 - Densidades e Compassos.....	58
2.4 - REGA.....	60
2.5 - FERTILIZAÇÃO MINERAL DE MANUTENÇÃO.....	62
2.6 - MONDAS.....	68
2.7 - OPERAÇÕES CULTURAIS.....	69
2.7.1 - Desponta.....	69
2.7.2 - Tutoragem.....	71
2.7.3 - Desbotoamento.....	74
2.7.4 - Rebaixamento.....	75
2.8 - PROBLEMAS FITOSSANITÁRIOS.....	77
III - COMERCIALIZAÇÃO.....	87
3.1. - A COLHEITA.....	87

3.2 - CONSERVAÇÃO DA FLOR CORTADA.....	90
3.3. - CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO AS NORMAS DE QUALIDADE.....	91
3.4 - COMERCIALIZAÇÃO.....	93
IV - OBJECTIVOS DO ENSAIO.....	96
V - LOCALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO.....	97
VI - CARACTERIZAÇÃO EDAFO-CLIMÁTICA.....	99
6.1 - SOLOS.....	99
6.2 - CLIMA.....	103
VII - LOCALIZAÇÃO DO ENSAIO.....	104
VIII - DESCRIÇÃO DA ESTUFA.....	105
IX - CARACTERIZAÇÃO EDAFO-CLIMÁTICA DA ESTUFA.....	107
9.1 - SOLO.....	107
9.2 - CLIMA.....	108
X - MATERIAL E MÉTODOS.....	110

10.1 - MATERIAL VEGETAL.....	110
10.2 - MATERIAL AUXILIAR.....	113
10.3 - DELINEAMENTO EXPERIMENTAL.....	114
10.4 - PREPARAÇÃO DO SOLO.....	117
10.5 - PLANTAÇÃO.....	119
10.6 - TÉCNICAS CULTURAIS.....	125
10.6.1 - Sachas e Mondas.....	125
10.6.2 - Fertilização de Cobertura.....	126
10.6.3 - Tratamentos Fitossanitários.....	128
10.6.4 - Desponta.....	132
10.6.5 - Desbotoamento.....	132
10.7 - COLHEITA.....	134
10.8 - ACONDICIONAMENTO E TRANSPORTE.....	134
10.9 - COMERCIALIZAÇÃO.....	137
XI - OBSERVAÇÕES E RESULTADOS.....	141
XII - CONCLUSÕES.....	145
BIBLIOGRAFIA.....	146

INTRODUÇÃO

Tomás Ribeiro cantou, no Século passado, “Este Jardim da Europa à Beira Mar Plantado”. As imaginações ainda se deslumbram com a poesia, mas no domínio concreto dos factos todos reconhecem que são os holandeses que sabem cultivar e comercializar as flores. A Espanha parece apostada em contrariar esse domínio. De nós quase se poderá dizer que estamos resignados à condição de subcontratantes embora continuemos a cantar potencialidades de solo e clima (Bettencourt, 1991).

A floricultura portuguesa é já hoje, e tudo leva a crer que o seja ainda mais no futuro, uma actividade que, para além do interesse social, apresenta uma apreciável expressão económica. Ela pode ser encarada como uma actividade recreativa, uma arte ou uma “indústria”. É desta última que nos vamos ocupar, de uma actividade com objectivo económico.